

Adolescência e puberdade na perspectiva de adolescentes com autismo: Relato de pesquisa

Adolescence and puberty from the perspective of adolescents with autism: a research report

Fabiana Serbai

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
fabiserbai@gmail.com

Elis Maria Teixeira Palma Priotto

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
elispriotto@gmail.com

Resumo

A adolescência e a puberdade são reconhecidas como fases de transição entre a infância e a adolescência, mudanças físicas, comportamentais e psicológicas marcam esta fase. O relato objetivou analisar a experiência de entrevistar três adolescentes autistas, duas do gênero feminino e um do gênero masculino, sobre puberdade e adolescência na perspectiva de adolescentes autistas. O estudo foi desenvolvido com metodologia qualitativa de cunho descritivo-compreensivo acerca do conhecimento de adolescentes autistas sobre adolescência e puberdade. Por meio deste estudo percebeu-se como os adolescentes com autismo entrevistados compreendem a puberdade e a adolescência, assim como o domínio dos conhecimentos acerca destes temas e a identificação destas fases como um momento em que estão passando.

Palavras chave: Autismo, adolescência, puberdade

Abstract

Adolescence and puberty are recognized as transitional phases between childhood and adolescence, physical, behavioral and psychological changes mark this phase. The report aimed to analyze the experience of interviewing three autistic adolescents, two females and one male, about puberty and adolescence from the perspective of autistic adolescents. The study was developed using a qualitative descriptive-comprehensive methodology about the knowledge of autistic adolescents about adolescence and puberty. Through this study, it was noticed how the adolescents with autism interviewed understand puberty and adolescence, as well as the domain of knowledge about these themes and the identification of these phases as a moment they are going through.

Key words: Autism, adolescence, puberty

Introdução

A adolescência é interpretada como uma fase de crise no desenvolvimento humano, no qual o sujeito perde o corpo infantil e dá lugar ao corpo adulto, a partir de um longo processo de desenvolvimento das características adultas. Neste processo além do corpo, se modifica o comportamento, as emoções, os sentimentos e as ações perante o mundo. Os fatores biológicos e socioculturais (as tradições, as questões de gênero, o relacionamento entre os pares, a escola e a religião) são determinantes no desenvolvimento de cada indivíduo e desencadeiam experiências diferentes para cada grupo.

O marco biológico da adolescência é a puberdade, do latim *pubertate* que significa idade fértil e a palavra *pubis* pelo ou penugem (BRASIL, 2018). Priotto (2008) afirma que na puberdade ocorre a maturação sexual, iniciada entre os 9 e 14 anos de idade. Nesta fase o corpo se prepara para a reprodução e ocorre significativas mudanças morfológicas, aceleração e desaceleração de crescimento com desenvolvimento esquelético, muscular e redistribuição do tecido adiposo, reorganização neuroendócrina, eclosão hormonal e maturação sexual, com o aumento das mamas, crescimento dos pelos pubianos e menarca (primeira menstruação), no sexo feminino e desenvolvimento do pênis, testículos e pelos pubianos com a semenarca (primeira ejaculação) no sexo masculino (BRASIL, 2018; PRIOTTO, 2008). Estes eventos influenciam na dinâmica do adolescente, na sua imagem corporal, comportamento e humor.

As mudanças decorrentes da puberdade associadas as demandas da sociedade desencadeiam o amadurecimento do indivíduo no processo de adolecer. A palavra adolescência tem origem de duas palavras distintas crescer e adoecer, em latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer) que significa crescer e *adolescere* que significa adoecer, enfermar. A adolescência pode ser entendida como uma etapa do desenvolvimento humano caracterizada por transformações físicas e psicológicas, marcadas por sofrimentos emocionais e alterações corporais significativas (SCHOEN-FERREIRA, AZNAR-FARIAS, SILVARES, 2010; PRIOTTO, 2008; OUTEIRAL, 2003).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) compreende a faixa etária para a adolescência como o período entre 10 e 19 anos de idade (BRASIL, 2018) enquanto o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, de acordo com a Lei 8.069/1990 de julho de 1990, estabelece para adolescente os maiores de 12 anos de idade e menores de 18 anos completos (BRASIL, 1990).

Não há como se estabelecer concepções homogêneas sobre o desenvolvimento na adolescência, pois as vivências particulares de cada sujeito e os aspectos econômicos, sociais e culturais configuram a dinâmica desta fase. O desenvolvimento da subjetividade do adolescente junto as mudanças corporais, o aflorar da sexualidade e as novas ocupações estarão formando o conjunto complexo que permeia todo este processo (MARTINS, GONTIJO, 2011). Nesta faixa etária é importante se considerar as mudanças fisiológicas, comportamentais, psicológicas e sociais de cada indivíduo.

Saad (2016) afirma que o adolescente com TEA pode sofrer com a exclusão social advindos do preconceito com pessoas deficientes e não conseguir se desenvolver de forma plena quanto as demandas psicossociais desta fase.

Diante das evidências e pensando sobre a educação em Ciências e inclusão, surge a pergunta norteadora deste estudo de quais são os conhecimentos que os adolescentes autistas têm sobre puberdade e adolescência? Para tanto, objetivou-se relatar a experiência das autoras na condução de uma entrevista com adolescentes autistas sobre puberdade na adolescência na perspectiva de adolescentes autistas. Desenvolvido com metodologia qualitativa e

participativa, na qual procurou-se preservar a identidade dos entrevistados.

Descrição da experiência

Este trabalho consiste em um relato de pesquisa de abordagem qualitativa de cunho descritivo-compreensivo sobre as entrevistas com adolescentes autistas sobre adolescência e puberdade e faz parte do projeto de dissertação de mestrado em Ensino sobre puberdade e adolescência de adolescentes com autismo. Será descrito como ocorreu as entrevistas sobre o tema da dissertação com três adolescentes autistas, duas do gênero feminino e um do gênero masculino. Este trabalho foi realizado em um colégio estadual do município de Foz do Iguaçu - PR, que atende em torno de 1000 alunos em três turnos, manhã, tarde e noite. A escola foi escolhida como cenário de pesquisa por possuir o maior número de adolescentes com autismo matriculados.

A coleta de dados foi por entrevistas que contaram com um quadro de informações gerais (nome fictício, idade, gênero, ano/série escolar observações) e com um roteiro de seis perguntas subjetivas focadas na percepção que os adolescentes autistas têm sobre puberdade e adolescência (Quadro 01). Os nomes dos participantes são fictícios (Sabrina, Solária, Henrique), respeitando o anonimato.

Quadro 01: Questionário sobre puberdade e adolescência para adolescentes com autismo

1. O que você entende por puberdade e adolescência?
2. O que você sabe sobre as mudanças físicas decorrentes da puberdade (crescimento de pelos, alterações na voz, crescimento em altura, surgimento de espinhas)? Com quem aprendeu?
3. Você notou alguma mudança física em você nos últimos tempos? Como você se sente em relação a estas mudanças físicas?
4. Você notou mudanças no seu comportamento nos últimos tempos? Como você se sente em relação a estas mudanças comportamentais?
5. Você se sente incluído na escola e na sociedade? Você tem amigos?
6. Atualmente o seu relacionamento com os pais, professores e colegas é mais fácil ou difícil?

Fonte: As autoras (2020).

Resultados e discussão

As entrevistas foram realizadas no local de preferência dos participantes, Sabrina e Henrique foram entrevistados na escola e Solária em casa. O perfil dos participantes da pesquisa é descrito a seguir:

Sabrina é uma adolescente de 17 anos, cursa o 1º ano do Ensino Médio, foi diagnosticada dentro do espectro autista aos 14 anos.

Solária é uma adolescente de 14 anos, cursa o 9º ano do Ensino Fundamental. O diagnóstico foi confirmado aos 5 anos.

Henrique tem 16 anos, cursa o 2º ano do Ensino Médio, foi diagnosticado com TEA aos 4 anos de idade.

As três entrevistas ocorreram de forma individual, todos os participantes cooperaram voluntariamente. Algumas dificuldades quanto ao entendimento das questões foram

observadas e algumas perguntas tiveram que ser reformuladas, sem perder o sentido, para melhor compreensão dos participantes ou para estimular as respostas.

Quanto a questão 01 obtivemos as seguintes respostas:

[...] Quando eu deixo de ser uma criança e me torno uma adolescente/adulta. (Solária)

[...] Etapa da vida em que o seu corpo de criança está mudando para um corpo de adulto e o mesmo acontece com a sua mente. (Henrique)

[...] Bom é, eu acho, tipo assim, é não esconder nada dos pais. (Sabrina)

Percebeu-se por meio das entrevistas diferentes formas de relatar a adolescência. De acordo com Almeida *et al.* (2007) na adolescência a autoimagem e autoconsciência são consolidadas. Os autores ressaltam que conforme o corpo da criança vai se desenvolvendo e tomando forma de adulto o modelo de imagem corporal é fantasiado ocorrendo o conflito com a imagem real, sendo comum a insatisfação do adolescente com a sua aparência e forma corporal. A insatisfação com a própria imagem não pode ser confirmada nos adolescentes entrevistados. Em seguida temos os relatos sobre como compreendem as mudanças físicas decorrentes da puberdade e adolescência:

[...] As meninas têm o crescimento dos seios, a menstruação. Os dentes começam a entortar, a voz começa a engrossar, começam a suar muito, sentir dor ou formigamento porque seus membros estão crescendo, seus ossos estão crescendo. Aprendi na internet, pouca coisa que eu não sabia, porque meus pais tem um diálogo superaberto comigo. (Solária)

[...] Eu sei que em alguns a mudança ocorre mais cedo do que em outros. Descobri sozinho, na internet. (Henrique)

[...] Quando eu fiz doze anos chegou pra mim a minha primeira vez, [...] na parte dos pelos eu me sinto muito num desconforto, [...] mudança de voz, eu também não senti muita diferença. Acho que no tempo aí, sozinho ou com a minha mãe. (Sabrina)

Nota-se que os adolescentes têm interesse em buscar informações sobre a fase que estão passando, a internet é citada como uma fonte de conhecimentos e os pais foram mencionados como referência no que diz respeito a estes assuntos pelas entrevistadas do sexo feminino.

Na sequência destacamos se observaram essas mudanças em si mesmos e como se sentem sobre elas:

[...] Meus seios estão começando a crescer [...] eu comecei a menstruar. Tô de boa. (Solária)

[...] Eu estou mais peludo. Me sinto normal. (Henrique)

[...] Sim eu percebi, tipo o meu cabelo, no olhar. (Sabrina)

Percebeu-se que os adolescentes têm clareza sobre as mudanças que ocorrem na adolescência e que observam essas mudanças ocorrendo consigo mesmos. Quando se trata da adolescência de pessoas com deficiência Saad (2016) e Bastos e Deslandes (2009) afirmam que não há diferença nos aspectos de desenvolvimento biológico entre os sujeitos com e sem deficiência, porém se percebe que o desenvolvimento comportamental e psicossocial é mais lento ou inadequado. Isto se dá não pelo comprometimento biológico relacionado ao transtorno ou deficiência, mas pela negação de seu amadurecimento pelos seus familiares e comunidade.

Quanto aos aspectos comportamentais os adolescentes responderam:

[...] Eu não me lembro. (Solária)

[...] Eu não tenho certeza exatamente. Eu me sinto normal. (Henrique)

[...] Sim, [...] eu sou assim, bem “comportadinha”. Me sinto bem, sempre obedeço às regras, não desobedeço a ninguém. (Sabrina)

Os entrevistados não souberam responder com clareza sobre os aspectos comportamentais. No que se refere a adolescentes com TEA as dificuldades inerentes a fase da adolescência podem se somar as inabilidades sociais decorrentes do transtorno. De acordo com Klin (2006), nesta fase os autistas podem sofrer um declínio comportamental, apresentando rebaixamento de habilidades de linguagem e sociabilidade anteriormente aprendidos. Afirma que estes adolescentes podem apresentar sintomas de ansiedade e depressão relacionadas ao grau de consciência sobre si mesmo e de sua incapacidade de estabelecer amizades, iniciar conversas e interagir com os pares.

Sobre se sentir incluído na escola e na sociedade e ter amigos, relataram:

[...] Sim. E na sociedade? Uhum. Você tem amigos? Sim, tenho poucos, mas eu tenho. (Solária)

[...] Meu posicionamento na questão é neutro, sabe? Tipo, eu simplesmente, na minha opinião, eu não me vejo como assimilado ou desassimilado na sociedade, eu simplesmente existo, eu apenas me vejo existindo no mundo, simples assim. Não tenho amigos. (Henrique)

[...] Sim eu tenho amigos, [...] mas não desse tipo de amigas de ir na casa, são amigas no *whatsapp*, na escola, esses tipo assim. [...] Sim, eu me sinto, tipo assim, nos trabalhos em grupo eu pergunto se eu posso ajudar em alguma coisa, e tudo, e também na sala eu faço as atividades, essas coisas assim. [...] Eu sempre me senti incluída nas festas que eu fui, eu sempre vou com a minha família e eu sempre me sinto incluída ou eu fico na minha, e aí as vezes a gente vai nas festas ou pro cinema ou em algum lugar público que eu me sinto muito... que me sinto bem, eu acho que eu nunca fui excluída de algum lugar, acho que, porque eu nunca sofri bullying. (Sabrina)

Quanto aos aspectos relacionados a se sentir incluído na escola e sociedade é importante frisarmos que a realidade vivida pela pessoa com deficiência mental é de ajuste as exigências sociais em uma sociedade que desfavorece esta adaptação, que a educação deve evitar o conceito de normalização do indivíduo com deficiência mental, de tentar transformá-los em uma pessoa diferente do que é, torná-lo um igual aos demais, forçando um funcionamento semelhante ao das pessoas sem deficiência (BASTOS, DESLANDES, 2009). Neste sentido, enfatizam que a educação precisa se comprometer com o desenvolvimento da autônoma, socialização e cultura com a valorização das potencialidades do estudante, além do seu desempenho acadêmico.

Desde a Declaração de Salamanca (Unesco, 1994), estabeleceu-se a inclusão de crianças e adolescentes com deficiência nas escolas regulares, embora em 2021 ainda há dificuldades na efetivação destas ações, os adolescentes entrevistados se sentem incluídos e pertencentes do ambiente escolar onde estudam. De acordo com Cabral e Marin (2017) a igualdade de acesso à escola àqueles que necessitam ou não de atendimento educacional especializado visa o desenvolvimento integral do aluno e o respeito de sua singularidade, uma vez que a educação é um direito de todos.

Sobre ter amigos, Farias *et al.* (2018) salientam que as amizades fornecem ao adolescente uma base extrafamiliar para a exploração do mundo ao seu redor e de seus

próprios comportamentos. Diferente das relações familiares, as amizades, proporcionam a sensação de igualdade e os adolescentes encontram nos seus pares a confiança para serem e sentirem o que são sem medo de julgamentos de seus comportamentos, diferente do que sentem com seus pais. Neste sentido os adolescentes se apoiam uns nos outros, divertem-se, compartilham ideias, ao mesmo tempo que dividem confidências, sentimentos e intimidades (FREITAS *et al.*, 2018).

Para Hervas (2012) as dificuldades relacionadas às necessidades sociais como comunicação se tornam perceptíveis na adolescência. A autora afirma que para o adolescente autista as dificuldades de relacionamento entre os pares e com pessoas de seu interesse são mais complexas ou praticamente impossíveis, as dificuldades de autonomia, desenvolvimento psicoafetivo são somadas a demandas cada vez maiores do processo educacional e social, o que não foi possível perceber nos relatos dos entrevistados.

Hull, Petrides, Mandy (2018) destacam que para o sexo feminino com autismo o nível de motivação para manter relações sociais é igual ao de mulheres sem autismo. Por meio das entrevistas percebeu-se maior motivação das meninas em querer manter amizades e que os adolescentes se sentem mais confortáveis no momento atual a se relacionar com os pais, professores e colegas do que quando eram menores, como demonstram os trechos a seguir:

[...] É mais fácil, eu nunca tive que me esforçar para fazer amizades ou falar com meus professores ou meus pais. Principalmente com os meus pais, porque meus pais sempre me amaram muito. (Solária)

[...] Fácil, eu acho, quando é uma pessoa que eu já sei, é mais fácil, se é uma pessoa que eu não sei, eu nem tento, eu não tenho interesse em conhecer pessoas novas, geralmente. (Henrique)

[...] Com a minha mãe é mais fácil, mas com o meu pai é um pouquinho mais difícil, porque ele nunca fica em casa o tempo todo, porque ele tem que trabalhar, [...] professores é simpático, como você viu lá a L. é bem legal, porque ela era minha professora de matemática e sempre foi, assim, bem simpático eles, porque a gente se conhece desde o sexto ano. Os colegas também, sempre legais e a gente se conhece a bastante tempo. (Sabrina)

Considerações finais

Por meio da realização da entrevista foi possível perceber como é o conhecimento de adolescentes com autismo sobre o que é adolescência e puberdade. Destacando que conseguiram expressar os seus pensamentos sobre o assunto superando suas limitações, demonstrando compreensão compatível com a idade e ano escolar.

O ensino dos conteúdos sobre puberdade e adolescência nas disciplinas de Ciências e Biologia podem contribuir ao desenvolvimento de uma relação mais saudável durante alterações ocorridas nesta fase da vida, sobretudo no ensino de alunos com necessidade de atendimento educacional especializado. Discussões sobre esta temática fomentam o desenvolvimento de novas práticas de educação em Ciências e a inclusão.

Referências

BASTOS, Olga Maria; DESLANDES, Suely Ferreira. Adolescer com deficiência mental: a ótica dos pais. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, fev. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. 2. ed. Brasília, 2018.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf>. Acesso: 30 mar. 2020.

CABRAL, Cristiane Soares; MARIN, Angela Helena. Inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática da literatura. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/0847/704fefcae358612c826ed0ea62424ffc2d68.pdf>> Acesso em: 27 mai. 2021.

HERVAS, Amaia. Un autismo, varios autismos. Variabilidad fenotípica en los trastornos del espectro autista. **Rev Neurol.**, Barcelona, 2016. Disponível em <<https://www.neurologia.com/articulo/2016068>> Acesso em: 02 set. 2020.

HULL, L; PETRIDES, K. V; MANDY, W. The Female Autism Phenotype and Camouflaging: a Narrative Review. **Rev J Autism Dev Disord**, London, 2020. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s40489-020-00197-9>>. Acesso em: 27 mai. 2021.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 mar. 2020.

KLIN, Ami; MERCADANTE, Marcos T. Autismo e transtornos invasivos do desenvolvimento. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 mar. 2020.

MARTINS, Sofia, GONTIJO, Daniela Tavares. Tempo de engajamento nas áreas de ocupação de adolescentes inseridos em uma escola pública. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, ago. 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14134>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

OUTEIRAL, José. O. **Adolescer**: Estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PRIOTTO, Elis Palma. **Dinâmicas de grupo para adolescentes**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SAAD, Amanda Pereira Risso. **Desenvolvimento psicossocial de adolescentes com transtorno do espectro do autismo**. Tese (Mestrado em Saúde e desenvolvimento) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3014>>. Acesso em 10 de jan. 2020.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000200004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 21 jan. 2021.